

QUEM conheceu, na infância, a doçura e a alegria de ter tido um cachorro como amigo poderá reviver os melhores momentos do passado, andando em trenós puxados por cães do Alasca. O cachorro esquimó é tudo o que um garoto desejaria encontrar no seu companheiro: vigoroso, amável e estóico, confiante e cético, atendo-se à crença de que, se as coisas não vão bem hoje, há sempre o amanhã... que poderá ser ainda pior.

O Alasca é uma extensa confederação de homens e de alces, estreitamente ligados entre si por meios de comunicação modernos como o Cessna 180 e o carro de neve. Diante dessa tecnologia, o trenó puxado por cães é um anacronismo, mas não virou peça de

museu. Do mesmo modo que o velho e simples Colt de seis balas, os cachorros do Alasca continuam a ser usados, graças à sua incontestável eficiência.

Em pista boa, um carro de neve consegue fazer 50 quilômetros com oito litros de gasolina. Com idêntica porção de proteínas e óleo, uma boa matilha de sete cães percorre 110 quilômetros por dia, carregando 160 quilos, e mantém esse ritmo durante uma quinzena. Quando é apanhado pela noite do inverno ártico, o Cessna precisa de aquecimento conectado ao motor, a fim de que suas peças vitais não emperrem. Para se aquecerem, mesmo em noites de 40 graus abaixo de zero, os cães só têm que se enrolar como se fossem bolas sem pés nem cabeça.

A maratona dos cães do Alasca

COLES PHINIZY

Mesmo nos dias gloriosos da «corrida do ouro», nada houve que se comparasse a esta fantástica maratona de 1.850 quilômetros através das vastidões geladas do Yukon



CONDENSADO DE «SPORTS ILLUSTRATED» (19 DE JANEIRO DE 1976).
© 1976 DE TIME INC., NOVA YORK

No frio mais severo, quando a temperatura do corpo humano desce a 35 graus, nosso sistema sanguíneo retira-nos calor das mãos e dos pés, como que desistindo das extremidades, para tentar salvar o resto. Diferentemente constituído, o cão esquimó não se ressen-te em demasia das ulcerações provocadas pelo frio. Em longas corridas, no pior dos tempos, ele pode tornar-se tão desidratado que, se lhe prendermos a pele do dorso entre os dedos, ela ficará colada a si mesma. Seus pés, por vezes, ficam em carne viva, devido às bolas de neve que se introduzem entre as juntas das patas e com a dura corrida de quilômetros sobre o gelo; mas, ainda assim, ele prosseguirá até perder definitivamente as forças.

Há centenas de anos, o *husky* esquimó vem sendo criado seletivamente por processo rigoroso de eliminação. Apenas os melhores sobreviveram. Quase todas as raças entraram no seu sangue, sendo eles atualmente mais mestiços do que nunca. Num único grupo, podem encontrar-se traços de várias origens: o olho enviesado do lobo combinado com o focinho do pastor alemão; o olho azul-pálido do *husky* siberiano e as orelhas caídas do *retriever*. De certo modo, em matéria de genética, só seria possível afirmar que não há muito de *chihuahua* ou de *Dachshund* neles.

Distância é o forte dos cães de trenó. Em corridas de 400 metros contra galgos ou cavalos de puro sangue, eles chegariam certamente em último lugar. Os mais velozes



alcançam, no máximo, 53 quilômetros por hora, enquanto os galgos fazem cerca de 61 e os cavalos de puro sangue excedem 65. A partir de extensões de 40 quilômetros, no entanto, eles são, sem dúvida, os vencedores. O recorde de tempo registrado para um cavalo foi de 160,9 quilômetros em 11 horas e 4 minutos. Há dois anos, uma matilha de cães cobriu 193 quilômetros em 11 horas e 2 minutos.

Há cerca de 70 anos, quando o ouro de aluvião ainda era abundante e se podia explorar a lama aurífera, transportando-a em ca-lhas, a preço equivalente a 20,67 dólares por onça *troy*, organizou-se, em Nome, uma corrida anual de trenós denominada All-Alaska Sweepstakes, compreendendo 656 quilômetros, ida e volta. A partir dessa época, porém, e até há bem pouco tempo, as competições de trenós puxados por cães raramente passaram de 30 a 50 quilômetros. Em 1973, então, foi criada uma maratona à altura da considerável dimensão do estado: 1.850 quilômetros de esforço extenuante, começando em Anchorage e terminando em Nome. É a chamada Iditarod Trail Race.

O principal responsável pela Iditarod Race (o nome da maratona deriva do de uma cidade agora esquecida, que nasceu durante a corrida do ouro) é Joe Redington, oficial do exército, que, durante toda a vida, vem dando provas de extrema capacidade de empreen-

dimento. Após infância acidentada e duros combates na Segunda Guerra Mundial, fixou-se no Alasca, com seis cães pastores, e começou a colecionar cães esquimós abandonados. Em 1961, já possuía, treinara e conduzia mais de 2.400. «Acontece simplesmente que gosto de cães», explica ele.

Redington vivia insistindo em promover corridas ao longo da velha trilha de Iditarod, que anteriormente ligava a inacessível Nome ao mundo exterior. No começo da década de 1970, ele propôs uma corrida (ida e volta) através do caminho entre a decadente cidade de Knik e a totalmente morta cidade de Iditarod — uma distância de 1.300 quilômetros com um prêmio de 50 mil dólares. Muitos dos condutores interessados, entretanto, fizeram objeções ao percurso proposto, alegando que tal acontecimento épico deveria iniciar-se numa grande cidade, como Anchorage, e não em Knik, opondo-se igualmente a que seu término se desse em Iditarod, lugar praticamente desconhecido. «Muito bem, não pararemos em Iditarod», replicou Redington. «Todo mundo conhece Nome; pois iremos até lá.» Assim se originou a prova tremenda dos 1.850 quilômetros, de Anchorage a Nome, que até hoje existe, embora nunca ninguém soubesse bem de onde viriam os recursos para mantê-la.

Nenhum outro acontecimento desportivo de importância é tão

fadado à ausência tanto de lucros como de perdas, em todas as etapas. Ninguém pense em fazer dinheiro ao longo da trilha de Iditarod. Uma vez partindo de Knik, os condutores deixam praticamente de pertencer à raça humana. Susitna Station é o ponto de controle seguinte, a 61 quilômetros de Knik e com população de 20 pessoas; o mesmo se verifica em Skwentna, 70 quilômetros adiante. Em Rohn Roadhouse, a 580 quilômetros de Anchorage, geralmente não há vivalma... e nem sequer uma casa à beira da estrada.

O melhor desportista, entre homens e animais, nas quatro maratonas até hoje realizadas, foi Nugget, pequena e jovial cadela, meio esquimó e meio sabe-Deus-o-quê. Nugget era líder da matilha vencedora em 1974, correndo admiravelmente todo o percurso, sob a condução de Carl Huntington. Somente uma vez saiu da trilha, por uns breves cinco quilômetros, atrás de um alce. Em 1975, liderando a matilha conduzida por seu dono, Emmitt Peters, esse extraordinário animal foi outra vez o primeiro da linha, fazendo média diária de 127 quilômetros durante 14 dias e meio. Petters deu início à corrida com Nugget e 11 cães, cinco dos quais filhos de duas ninhadas da cadela. Nos primeiros 550 quilômetros, quatro cachorros exaustos tiveram de ser retirados da corrida e, em Solomon, na península Seward, ficou mais outro com o pé cortado.

Apesar de ter de novo engravidado num ponto qualquer da corrida, Nugget manteve-se firme até a linha final, ainda liderando seus cinco filhos e um moroso cão de nome Pete. É coisa que não se vê, em corridas de cavalos – semelhante união familiar corajosa e persistente.

A cada longo dia que se arrasta na trilha, o condutor não sabe jamais que dificuldades terá de enfrentar: ora é o mau tempo, com ventos de mais de 40 nós, que fazem a neve voar horizontalmente, varrendo o caminho e levando a temperatura a cair a 85 graus abaixo de zero; ora é o próprio condutor que apanha pneumonia, ou é a diarreia que ataca seus cães. Também pode aparecer um lobo, um alce ou algum inconsciente dirigindo um carro de neve. Em 1974, na noite do 27.º dia da partida de Anchorage, Tim White estava seguro de ganhar o 20.º lugar (último que ainda merece prêmio), quando um sujeito num carro de neve veio como um louco pela camada de gelo do Mar de Behring, a apenas 29 quilômetros de Nome, e o atingiu por trás, cortando-lhe as pernas e ferindo um de seus cães. Na corrida de 1975, os quatro times na liderança viram-se obrigados a parar mais de meia hora, porque um alce truculento se obstinava a não os deixar prosseguir.

A maratona de Iditarod já tem vasto repertório de anedotas, grande parte delas envolvendo o

cão-líder chamado Fat Albert, de cauda peluda e farta pelagem de malamute siberiano. Nas corridas de 1973 e 1974, Fat Albert foi líder capaz e trabalhador diligente, a quem os piores ventos não amedrontavam, mas que também adorava chamar a atenção e amava as pessoas e as luzes das cidades. Surgiram lendas a seu respeito que ainda hoje se enriquecem.

Conta-se, por exemplo, que Fat Albert, em ambas as corridas, fez quase todo o percurso dentro do trenó, e só lhe punham o arreio de liderança 15 ou 25 quilômetros antes de cada cidade; ao primeiro cheiro de gente e vislumbre de luzes na noite, ele disparava a 25 quilômetros por hora. Na verdade, Fat Albert caminhou o tempo todo, em 1974. Realmente, logo no início da corrida precisou ser levado durante uns 15 quilômetros, porque, em luta por uma cadela, um companheiro de matilha o mordeu. Por outro lado, não é

exato que, nessa mesma corrida, ele tenha aproveitado um cochilo do condutor para fazer 50 quilômetros de volta às luzes brilhantes de White Mountain. Estavam apenas a 25 quilômetros da cidade quando, de fato, ele conduziu o trenó de regresso a ela.

Nem todo mundo está satisfeito com a corrida de Iditarod, pois muitos cães têm morrido durante o percurso, em consequência das duras condições a que são submetidos. Entretanto, em longos trajetos, qualquer brandura bem intencionada acaba sendo prejudicial aos cães. Historicamente, eles são animais condicionados a determinado objetivo. Retirando-lhes a dura lida, eles se sentem marginalizados. Tudo de que um *husky* esquimó realmente necessita, para perseverar no estilo habitual, é o companheirismo de homens e mulheres e a presença de outros cães que o distraiam nas agruras do inverno do Alasca.



Legendas de caricaturas

VENDEDOR de televisores para o cliente: «Sim, de fato temos uma linha mais barata de aparelhos em cores. Qual era a cor que o senhor queria?»

— R. B.

FUNCIONÁRIO do serviço meteorológico falando com a mulher ao telefone: «Vou ver se me lembro de levar pão para casa, querida, mas há 38% de probalidades de me esquecer.»

— L. H.

SECRETÁRIA bonita, comentando com outra: «Até agora, já tive 16 ofertas de caronas. E você?»

— T. T.